

Investigação baseada nas artes: caminhos de metáfora e escrita performativa

Delfim Paulo Ribeiro

Instituto Piaget
rdelfim@viseu.ipiaget.org

Abstract

This article discusses the epistemological and methodological issues related to art-based research. The work focuses on the dramatic approach and performative text in order to encourage creativity and artistic interpretation in the context of methodological reflection. It assumes that dramatic approach, based on the creation of multiple selves, enriches the quest for knowledge and the research methodologies.

Keywords: Arts-based research, dramatic methodology, performative text.

Introdução

Opondo-se à tendência redutora de tornar tudo quantificável e objectivo, alguns indivíduos, inspirados pela fenomenologia, pelo feminismo e pelas artes, têm vindo a fomentar a evolução paradigmática e metodológica no sentido de tornar os investigadores mais intervenientes e reivindicativos. Estes novos paradigmas têm renovado a importância da investigação narrativa, autobiográfica e artística.

A investigação baseada nas artes, embora ainda emergente, já revela largueza e diversidade, evidenciando múltiplas tendências e orientações. Para além de aparecer actualmente como um importante quadro de referência processual, a investigação baseada nas artes tem vindo a renovar o estudo das humanidades, incentivando muitos investigadores a enfrentarem, de forma criativa e arrojada, as problemáticas que efectivamente os preocupam; o que

tem promovido a politização, moralização e mesmo a espiritualização dos processos de criação e partilha do conhecimento.

O artigo aqui proposto submerge, em grande parte, nos enredos metafóricos convocados pela escrita performativa, rendendo-se à multiplicidade de leituras e às visões improváveis. O artigo não recorre às publicações relacionadas com a investigação baseada nas artes de modo a criar novos ornamentos para os discursos já aceites. O trabalho que nos propomos apresentar não aborda a investigação baseada nas artes de modo a justificar e credibilizar os processo de investigação, levando-nos a crer que podemos pensar da mesma forma que os *cientistas* com provas dadas. Em vez disso, propõe uma metodologia baseada nas artes usando as filosofias e os procedimentos próprios das metodologias artísticas.

Arte dramática e investigação

Diferentemente dos académicos, os artistas não estão condicionados pelas estatísticas oficiais e opiniões maioritárias, nem estão presos na estreita jaula de uma disciplina com denominação controlada. Seguem livremente a sua intuição e imaginação. Podem decidir, alto e claro, o que os académicos não se atrevem a dizer publicamente ou simplesmente sussurram envolvendo a mensagem em milhares de cláusulas e matizes (Bauman 2007: 96).

Quando, há dez anos atrás, víamos no trabalho de McNiff (1998) a possibilidade de descobrirmos novas orientações para a investigação no âmbito das terapias artísticas, não prevíamos que a investigação baseada nas artes viesse a ser adoptada por um leque tão vasto de autores, florescendo nos campos da sociologia, da educação e especialmente da educação artística (Cahnmann-Taylor, 2008).

No âmbito da investigação baseada nas artes, a adopção do enquadramento performativo admite que existem experiências e conhecimentos fundamentais que não são compatíveis com uma única forma de ver e estar no mundo que supostamente se deseja objectiva, estável e universal. Enquanto as ciências baseiam-se sobretudo na indução lógica, procurando as regras e as leis que justificam os dados empíricos que se vão recolhendo de forma sistematizada num ambiente controlado, as perspectivas baseadas nas artes revelam o mundo das potencialidades humanas, obtendo o conhecimento a partir do que Gadamer (1977) chama “tacto psicológico”. O conceito de tacto, como

precursor da descoberta, permite ao investigador abandonar a metodologia normalizada e reclamar outras problemáticas e formas de indagar inalcançáveis para as ciências empírico-naturais. Para Gadamer o conceito de tacto implica uma “sensibilidade e uma capacidade de percepção de situações assim como para o comportamento dentro delas quando não possuímos, a seu respeito, nenhum saber derivado de princípios gerais” (*Ibid.*:45). Esta propriedade do conhecimento e da verdade humana, chamemos-lhe assim, para além de contestar a exclusividade da metodologia positivista, fomenta a aceitação epistemológica das metáforas e das linguagens artísticas. Deste modo, as problemáticas da construção e validação do conhecimento deixam de começar e de terminar obrigatoriamente nas justificações metodológicas, para passarem a assentar no facto do ser humano possuir uma dinâmica de contradição interna que teoriza e é teorizada pela sua vivência dramática do mundo.

Este trabalho assume que o texto performativo contém importantes funções pedagógicas e metodológicas. Promovendo a incorporação de diversas vozes no discurso, o drama incentiva as pessoas a desafiar os silêncios instalados e a pensarem de forma crítica sobre as problemáticas que as rodeiam. O imaginário dramático permite explorar a miríade de relacionamentos possíveis entre as pessoas e as ideias (Denzin, 2006). Acima de tudo, o texto performativo oferece ao leitor e/ou ao actor o imprescindível espaço para a multi-interpretação, onde se pode experienciar, simultaneamente, as linhas e as entrelinhas, o adjacente e o subjacente e, quantas vezes, ultrapassar o superficial imposto pelo evidente. Por isso, quando se fala de drama, submerge-se no subtexto.

Saldaña (2005) diz-nos que a investigação dramática pode basear-se nas palavras pronunciadas por terceiros (assente directamente nos dados recolhidos) ou ter por base as próprias palavras criadas pelo pesquisador durante o processo interpretativo. A criação dramática revela-se sobretudo na interacção entre múltiplas vozes; vozes que podem dizer tanto respeito ao diálogo como ao monólogo.

Assumimos que as narrativas etnográficas e a criação dramática, assentes na alteridade, isto é, admitindo um ser uno ou desdobrando-o em múltiplos egos,

realizadas na primeira ou na terceira pessoa, de forma directa ou indirecta, revelam-se fundamentais para explorar e dar sentido ao mundo e, logo, à experiência do conhecimento. A exploração narrativo-dramática revela-se sempre inacabada, insuficiente e multi-alternativa, acabando por admitir várias possibilidades de caminho ou versões conclusivas. O processo de criação dramática assenta em procedimentos que admitem múltiplas formas de contar e de abranger as diversas realidades que, por sua vez, são reveladas por sensibilidades e nuances estéticas diferenciadas. Por isso, o desafio primordial desencadeado pela metodologia dramática centra-se na reflexão inconclusiva, não se encaminhando, obrigatoriamente, para a interpretação una e correcta, mas sim para o desbloquear das vozes que permitem revelar formas alternativas de dizer o mundo.

A metodologia dramática adopta a ideia de que a auto-análise e a gradual consciência do subjectivo impelem o ensaio do conhecimento, impulsionando a epifania e a transcendência. Neste sentido, Munro (2007: 122) afirma que os processos de investigação baseados nas narrativas pessoais e dramáticas podem ser incentivados pelo “imperativo político e moral de que as coisas devem mudar”. O desdobramento pessoal, tal como o pressupomos, ultrapassa o determinismo social que tende a configurar e simbolizar a identidade, o comportamento e os discursos dos sujeitos, proporcionando novas formas de resistir à nomenclatura paralisante do único e do estável.

Questões epistemológicas e processuais

A alteridade, na sua forma mais abstracta, somente se encontra na pura multiplicação de objectos inorgânicos; enquanto toda a vida orgânica mostra variações e distinções, incluindo entre espécies da mesma espécie. Porém, só o homem pode expressar esta distinção e distinguir-se, somente ele pode comunicar o seu próprio eu e não simplesmente algo; sede ou fome, afecto, hostilidade ou temor. No homem, a alteridade que compartilha com tudo o que é, e a distinção que partilha com todo o ser vivo, converte-se em unicidade, e a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade dos seres únicos (Arendt, 2005: 206).

Para Wexler (2007), grande parte da atrofia epistemológica, particularmente entre os membros da tradição instalada, deriva da sua incapacidade, senão mesmo da má vontade (por razões de conveniência pessoal) em entenderem como o instituído pode limitar o conhecimento. Actualmente, muitas das

problemáticas vigentes na educação e na epistemologia decorrem mais das questões da consciência do que da ciência, o que tem levado alguns estudiosos a percorrer os caminhos metodológicos que lhes permitem investigar e transformar as realidades sociais em que se inserem. Nestes casos, a investigação tende a evidenciar os dilemas e tensões que existem entre o social e o privado. Ou seja, desencadeia-se a partir do afastamento premeditado do socialmente estabelecido e do óbvio; o que assegura, como nos diz Giroux “uma lealdade à visão do mundo que invoca a emancipação da sensibilidade, da imaginação e da razão em todas as esferas da subjectividade e da objectividade” (2007: 65).

Este posicionamento epistemológico nasce, em grande parte, da necessidade intrínseca e vital dos indivíduos explorarem, de uma forma pessoalmente significativa, os ramos do saber em que se movem, mas também do entendimento que vão urdindo sobre as correntes epistemológicas e metodológicas que se apresentam como alternativas aos paradigmas tradicionais (Conquergood, 2006). Ambas as motivações concorrem para que as posturas profissionais e intelectuais passem a ligar-se à experiência de vida; conjugadas e amplificadas, obviamente, com as experiências e conhecimentos dos demais. Sobre este assunto, Mèlich (2008) diz-nos que compreender é também aplicar à sua própria situação o que os outros nos contam, ou seja, o conhecimento manifesta-se como uma experiência pessoal aberta à alteridade. O posicionamento epistemológico reflexivo admite que o mundo se abra à interpretação. Deste modo, os processos de descoberta ultrapassam os limites disciplinares e passam a adoptar as linguagens e os esquemas conceptuais que, num dado momento, se revelem mais desafiantes (Biggs, 2006). A linguagem utilizada, ainda que seja inevitavelmente influenciada por diversas tradições disciplinares, passa a não se confinar necessariamente aos limites dos próprios assuntos, nem a sujeitar-se às técnicas incapazes de desafiar o que se sabe, vive e sente.

As narrativas biográficas, realizadas na primeira ou na terceira pessoa, de forma directa ou indirecta, assumindo um ser uno ou desdobrando-o em múltiplos egos, revelam-se fundamentais para explorar e dar sentido ao mundo e logo, à experiência do conhecimento. Este tipo de exploração narrativa

revela-se sempre inacabada, insuficiente e multi-alternativa, acabando por admitir várias possibilidades de caminho ou versões conclusivas. Assenta em procedimentos que admitem múltiplas formas de contar e de abranger as realidades que, por sua vez, são reveladas por sensibilidades e nuances estéticas diferenciadas (Denzin, 2003).

De forma a abordarmos a investigação baseada nas artes, envolvemo-nos com as nossas mitologias pessoais, as nossas metáforas e a escrita performativa. Neste preciso momento, desviamos o olhar da folha em que escrevemos e percorremos o quarto. Constatamos que realmente estamos submersos em palavras, em folhas soltas e livros. Percebemos então, de forma clara e surpreendente, que a investigação baseada nas artes possui, em si mesmo, a possibilidade de explorarmos como gastrónomos a pendente metáfora da dinâmica do conhecimento.

O processo de investigação performativa impele-nos a elaborar o seguinte quadro dramático assente na alteridade reflexiva :

Texto Performativo 1 - Eu/tu/nós no processo de investigação

EU	TU	NÓS
<p>Não podemos falar de método, no sentido em que é geralmente entendido, pois a metodologia diz respeito aos preceitos normalizados e determinados <i>a priori</i>, submetidos às actuações descritas em inúmeros manuais que servem de guia e de referência a todos os procedimentos. O método procura afastar as interferências do investigador no ensejo de alcançar a objectividade e a universalidade das conclusões de modo a estende-las a todo o universo de situações semelhantes.</p> <p>Em vez disso, devemos falar de processos de investigação e descoberta, sempre imanentes, livres e assentes na incomensurabilidade.</p>	<p>Tudo corresponde a uma procura que não deve limitar as tuas possibilidades. Vês a impossibilidade de encontrares previamente uma forma derradeira e segura que possa conduzir todo o processo. Fazes descobertas durante o desenrolar dos trabalhos e um título, ou mesmo um índice, não passam de simples possibilidades que vão sendo refeitas e abandonadas. Crias outros caminhos também provisórios. Algumas coisas vão ficando ausentes, outras vão ficando presentes.</p> <p>São sempre mais os assuntos que não trabalhas e aprofundas. Talvez por falta de tempo! Talvez porque já não seria possível seguiremos</p>	<p>Viajo por diversos sítios. Deixo algumas coisas importantes para trás, coisas que revisitarei mais tarde. Mudo de hábitos e de horários. Encontro pessoas que me desprendem o pensamento. Leio livros que nada tem a ver com os assuntos sobre os quais escrevo e encontro neles novas ideias que incorporo nos textos que produzo.</p> <p>Tenho reuniões de trabalho onde exploro outras possibilidades de funcionamento.</p> <p>Viajo sempre para fazer coisas interessantes. Encontro uma paisagem que me torna mais familiar de mim mesmo.</p> <p>Deleito-me com o acaso. Vivo aventuras estéticas impressionantes. Inesquecíveis. Dramatizo dilemas humanos, crio histórias, vejo performances. Estou com pessoas de diferentes partes do mundo. Falamos de reencontros, de pontos comuns, de situações e de locais que nos</p>

Processos influenciados pelo pensamento e pela vida dos sujeitos; que permitem explorar e transmitir a natureza contraditória, parcial e subjectiva das histórias e das narrativas, destacando a sua fenomenologia; que permitem ultrapassar as estruturas pré-estabelecidas que condicionam as nossas acções, revelando as experiências ricas que podem ocultar.

Processos que entram na abstracção e na introspecção, sem recluir a ficção e o envolvimento estético com a vida e com o conhecimento. Onde possamos submergir nos diversos assuntos que aparentemente eram distintos, mas que muitas vezes se cruzam e sobrepõem num

surpreendente enredo. Que nos permitam imergir numa renovada torrente de fluência, escrevendo, criando imagens e tecendo ligações que levem a outras ligações. Onde possamos usar a animação de textos como diferentes cores e tipos de letra. Onde possamos gravar digitalmente a nossa própria voz para posteriormente alterarmos tudo. Que nos permitam andar para a frente e para trás, gravando registos sonoros, imagens e textos para revisitarmos muito mais tarde ou no minuto seguinte.

Onde possamos criar um imenso reservatório de fontes de reflexão, elevando a nossa capacidade para nos tornarmos agentes activos dos nossos interesses. Onde possamos ser intérpretes activos da nossa vida, partilhando as nossas dúvidas com quem gostamos.

que estava previamente traçado!

Sabes que, o momento presente, relaciona-se com o passado, com as descobertas anteriores, mas também com as necessidades que sentiste noutros contextos.

Agarras-te aos textos. Não saís deles. Escreves, reescreves, encontras novas soluções estéticas. Crias fluidez. Reencontras novamente a tua voz. A tua história. Revives formações passadas. Reconquistas alguns desejos, outros... deixas para mais tarde, para analisares com maior maturidade. Sabes que há coisas que são intrínsecas à tua forma de ser e de trabalhar.

Reflectes sobre o que te fez ser professor...percebes que... foi sempre...em grande parte... assim. Mas poderia ter sido de outro modo!

Sempre soubeste que a arte e o relacionamento podem ser construtivos. Movia-te a esperança de seres socialmente útil e uma curiosidade sobre os assuntos. Ainda agora é assim. Mas poderia ter sido de outro modo!

Estudas textos e sublinhas as ideias interessantes e construtivas. Identificas-te com algumas delas. Não podia ser de outro modo!

Admiras pensamentos, vidas, formas de ser. Criticas outras. Há mesmo coisas que sabes não teres capacidade para compreender. Talvez seja algo mais emocional do que racional.

enriqueceram anteriormente.

Visito exposições. Sou surpreendido. Compro livros de uma forma quase compulsiva. Requisito livros na biblioteca que há muito gostaria de ter lido. Faço auto-hipnose. Viajo pelo subconsciente. Aceito desafios sociais que aumentam a minha auto-estima.

Saio do dilema e as coisas fluem. Sinto-me a voar. Escrevo de forma livre e depois, volto à terra. Passo a ilustrar, a pormenorizar, a corrigir incessantemente. Acabo sempre por me encontrar com opções estéticas. Sinto os textos. O seu ritmo e a sua cor. Surpreendo-me a mim próprio com algumas decisões. Receio que sejam demasiado arriscadas. Contudo, ao mesmo tempo, percebo que não podia ser de outra forma.

Registo muitas coisas pertinentes.

Partilho alguns textos com colegas e amigos. Algumas críticas são positivas, outras, nem por isso. Aceito ambas.

Continuo a investigar e a explorar o que propus no início. Não exactamente da mesma forma, muito menos com os condimentos iniciais. Gosto da ideia de comparar a investigação e a escrita ao acto de cozinhar. A escolha dos condimentos, a experiência do q.b., mas também o risco, a invenção e a aventura.

Se não utilizar agora esta metáfora, gostaria de a retomar um dia, quem sabe, talvez num capítulo... Desvio agora mesmo o olhar para um livro que tenho ao meu lado na secretária, cujo título é; bem a propósito:

Methaphors and the Dynamics of Knowledge.

Esforçamo-nos por transformar as nossas experiências numa forma utilizável onde as outras pessoas possam ver-se retratadas de modo a explorarem, elas próprias, as suas dúvidas e certezas inconstantes. Observamos o que criámos com a ajuda dos outros, não com o intuito primário de encontrarmos lacunas e imperfeições, mas para comungarmos o surgimento de outras possíveis interpretações da experiência humana (Grumet, 2007).

Por tudo isto, devemos admitir, sem receios, que a investigação, quando devidamente enquadrada no âmbito das humanidades, ultrapassa sobremaneira a obsessão metodológica, devendo dirigir

o seu olhar para a arte, porque será precisamente a arte o ponto de partida para alcançar uma verdade vital, experiencial, necessária a todos os seres humanos enquanto habitantes do mundo. O modo de conhecimento das *ciências do espírito* está mais próximo da experiência da arte do que da ciência. A experiência da arte transmite uma verdade e um conhecimento que não se podem medir segundo os trâmites da ciência metódica. Em definitivo: o propósito não é a obtenção de uma verdade objectiva intemporal, válida e independente do ponto de vista de quem interpreta, senão a participação numa verdade que é histórica, espacio-temporal e situacional (Mèlich, 2008: 44-45).

Referências bibliográficas

- Arendt, Hannah (2005) *La condición humana*. Barcelona: Paidós.
- Bauman, Zygmunt (2007) “Tiempos Líquidos: Arte Líquido” In Bauman, Zygmunt (eds) Madrid : Ediciones Sequitur.
- Biggs, Iain (2006) “Hybrid Texts and Academic Authority: the Wager in Creative PracticeResearch” In Macleod, Katy and Holdridge, Lin (eds) *Thinking Through Art: Reflections on Art as Research*. New York: Routledge.
- Cahnmann-Taylor, Melisa (2008) “Arts-based Research: Histories and New Directions” In Cahnmann-Taylor, Melisa and Siegesmund, Richard (eds) *Arts-based Research in Education: Foundations for Practice*. New York: Routledge.
- Conquergood, Dwight (2006) “Rethinking Ethnography: Towards a Critical Cultural Politics” in Madison, Soyini and Hamera, Judith (eds) *The Sage Handbook of Performance Studies*. London: Sage.
- Denzin, Norman (2003) *Performance Ethnography: Critical Pedagogy and the Politics of Culture*. London: Sage.
- Denzin, Norman (2006) “The Politics and Ethics of Performance Pedagogy: Toward a Pedagogy of Hope” In Madison, Soyini and Hamera, Judith (eds) *The Sage Handbook of Performance Studies*. London: Sage.

- Gadamer, Hans-Georg (1977) *Verdad y Metodo: Fundamentos de una Hermenéutica Filosófica*. Salamanca: Ediciones Sígueme.
- Giroux, Henry (2007) “A Dialéctica e o Desenvolvimento da Teoria Curricular” In Paraskeva, João (eds) *Discursos Curriculares Contemporâneos*. Mangualde: Pedagogo.
- Grumet, Madeleine (2007) “Autobiografia e Reconceptualização” In Paraskeva, João (eds) *Discursos Curriculares Contemporâneos*. Mangualde: Pedagogo.
- McNiff, Shaun (1998) *Art-Based Research*. London: Jessica Kingsley.
- Mèlich, Joan-Carles (2008) “Filosofía y Educación en la Postmodernidad” In Vásquez, Hoyos (eds) *Filosofía de la Educación*. Madrid: Trotta.
- Munro, Petra (2007) “Resistir à Resistência: Histórias Contadas por Professoras” In Paraskeva, João (eds) *Discursos Curriculares Contemporâneos*. Mangualde: Pedagogo.
- Saldaña, Johnny (2005) *Ethnodrama: An Anthology of Reality Theatre*. New York: AltaMira.
- Wexler, Philip (2007) “Corpo e Alma. Fontes de Mudança Social e Estratégias” In Paraskeva, João (eds) *Discursos Curriculares Contemporâneos*. Mangualde: Pedagogo.

Notas biográficas

Doutorado em Pedagogia - Universidade de Santiago de Compostela; *Mestre em Psicologia* - Universidade de Coimbra; *Pós-graduado em Dramaterapia* - University of Hertfordshire; *Licenciado em educação Física* - Universidade Técnica de Lisboa. Foi Bolseiro do Programa Erasmus e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.